



Falta de comunicação sobre gravidez não tira estabilidade

O ministro do Supremo Tribunal Federal, Celso de Mello, reconheceu a estabilidade de uma empregada gestante, desde a confirmação da gravidez até cinco meses após o parto. O ministro acatou agravo de instrumento ajuizado pela ex-empregada da Air Liquide do Brasil S/A. Ele entendeu que é desnecessária a comunicação prévia da gravidez ao empregador.

“O valor jurídico-social dessa inderrogável garantia de índole constitucional, que busca dar efetividade à proclamação constante do art. 6º da Lei Fundamental da República, teve a sua importância reconhecida pela jurisprudência do Supremo Tribunal Federal, que, por mais de uma vez, já deixou assentado, a propósito desse tema, que o acesso à estabilidade provisória depende da confirmação objetiva do estado fisiológico de gravidez da empregada, independentemente, quanto a este, de sua prévia comunicação ao empregador, revelando-se írrita, de outro lado e sob tal aspecto, a exigência de notificação à empresa, mesmo quando pactuada em sede de negociação coletiva”, afirmou o ministro.

Leia a decisão de Celso de Mello

AGRAVO DE INSTRUMENTO 448.572-8 SÃO PAULO

RELATOR: MIN. CELSO DE MELLO

AGRAVANTE(S): DINORAH MOLON WENCESLAU BATISTA

ADVOGADO(A/S): RODOLFO ANDRÉ MOLON

AGRAVADO(A/S): AIR LIQUIDE DO BRASIL S/A

ADVOGADO(A/S): UBIRAJARA WANDERLEY LINS JUNIOR E OUTRO(A/S)

EMENTA: EMPREGADA GESTANTE. ESTABILIDADE PROVISÓRIA (ADCT, ART. 10, II, “b”). PROTEÇÃO À MATERNIDADE E AO NASCITURO. DESNECESSIDADE DE PRÉVIA COMUNICAÇÃO DO ESTADO DE GRAVIDEZ AO EMPREGADOR. RECURSO CONHECIDO E PROVIDO.

– A empregada gestante **tem direito subjetivo** à estabilidade provisória prevista no art. 10, II, “b”, do ADCT/88, **bastando**, para efeito de acesso a essa **inderrogável** garantia social de índole constitucional, **a confirmação objetiva** do estado fisiológico de gravidez, **independentemente**, quanto a este, de sua prévia comunicação ao empregador, **revelando-se írrita**, de outro lado e sob tal aspecto, a exigência de notificação à empresa, **mesmo quando** pactuada em sede de negociação coletiva. **Precedentes.**

DECISÃO: O legislador constituinte, **consciente** das responsabilidades assumidas pelo Estado brasileiro no plano internacional (**Convenção OIT nº 103**, de 1952, **promulgada** pelo Decreto nº 58.821/66, **Artigo VI**) e **tendo presente** a necessidade de dispensar **efetiva** proteção à maternidade e ao nascituro (FRANCISCO ANTONIO DE OLIVEIRA, “**Comentários aos Enunciados do TST**”, p. 614,



4ª ed., 1997, RT), **veio** a estabelecer, **em favor da empregada gestante**, expressiva **garantia** de caráter social, **consistente** na outorga, a essa trabalhadora, **de estabilidade provisória**, nos termos previstos no art. 10, II, “b”, do ADCT.

O **valor** jurídico-social dessa **inderrogável** garantia de índole constitucional, **que busca** dar efetividade à proclamação constante **do art. 6º** da Lei Fundamental da República, **teve a sua importância** reconhecida pela **jurisprudência** do Supremo Tribunal Federal, que, **por mais de uma vez**, já deixou assentado, **a propósito** desse tema, **que o acesso** à estabilidade provisória **depende** da confirmação objetiva do estado fisiológico de gravidez da empregada, **independentemente**, quanto a este, de sua **prévia** comunicação ao empregador, **revelando-se irrita**, de outro lado e sob tal aspecto, a exigência de notificação à empresa, **mesmo quando** pactuada em sede de negociação coletiva, **consoante** esta Suprema Corte teve o ensejo de decidir:

*“A empregada gestante **tem direito subjetivo** à estabilidade provisória prevista no art. 10, II, “b”, do ADCT/88, **bastando**, para efeito de acesso a essa **inderrogável** garantia social de índole constitucional, **a confirmação objetiva** do estado fisiológico de gravidez, **independentemente**, quanto a este, de sua prévia comunicação ao empregador, **revelando-se irrita**, de outro lado e sob tal aspecto, a exigência de notificação à empresa, **mesmo quando** pactuada em sede de negociação coletiva. **Precedentes.** “*

(AI 392.303/SP, Rel. Min. CELSO DE MELLO).

Esse entendimento **acha-se consagrado** em decisões proferidas **por ambas as Turmas** do Supremo Tribunal Federal (RTJ 180/395, Rel. Min. SEPÚLVEDA PERTENCE – RE 339.713-AgR/SP, Rel. Min. MAURÍCIO CORRÊA, v.g.):

“O art. 10, II, ‘b’ do ADCT confere estabilidade provisória à obreira, exigindo para o seu implemento apenas a confirmação de sua condição de gestante, não havendo, portanto, de se falar em outros requisitos para o exercício desse direito, como a prévia comunicação da gravidez ao empregador.

Precedente da Primeira Turma desta Corte.

Recurso extraordinário **não** conhecido.”

(RE 259.318/RS, Rel. Min. ELLEN GRACIE – grifei)

*“Estabilidade provisória decorrente da gravidez (C.F., art. 7º, I; ADCT, art. 10, II, b). **Extinção do cargo, assegurando-se à ocupante, que detinha estabilidade provisória decorrente da gravidez, as vantagens financeiras pelo período constitucional da estabilidade.**”*

(RTJ 181/996, Rel. Min. CARLOS VELLOSO – grifei)

A **orientação jurisprudencial referida**, por sua vez, **tem sido observada** em outras decisões emanadas de eminentes Juízes deste Supremo Tribunal (AI 315.965/DF, Rel. Min. SYDNEY SANCHES – RE 220.567/DF, Rel. Min. CARLOS VELLOSO), **que reconhecem**, no tema ora em análise, **a responsabilidade objetiva** do empregador, **inerente** aos riscos derivados da própria atividade



empresarial, **satisfazendo-se**, esta Corte, por isso mesmo e para efeito de incidência da garantia constitucional da **estabilidade provisória** da gestante, com o mero estado de gravidez da trabalhadora, **independentemente** do prévio conhecimento desse fato pelo empregador.

Cabe mencionar, ainda, que essa percepção da “*ratio*” subjacente à cláusula constitucional **asseguradora** da estabilidade provisória **instituída** em favor da trabalhadora gestante **reflete-se**, por igual, **no magistério da doutrina** (EDUARDO GABRIEL SAAD, “**Constituição e Direito do Trabalho**”, p. 92, item n. 6.1, 2ª ed., 1989, LTr; NEI FREDERICO CANO MARTINS, “**Estabilidade Provisória no Emprego**”, p. 84-87, itens ns. 4.2.1, 4.3.1 e 4.3.3, 1995, LTr; ALICE MONTEIRO DE BARROS, “**Proteção do Trabalho da Mulher e do Menor**”, in “**Curso de Direito do Trabalho**”, p. 325-326, item n. 1.8.15, 2000, Forense; JOÃO CARLOS FRANCKINI, “**Contrato de prova – Instrumento de fraude à legislação trabalhista, como forma de frustrar a estabilidade provisória da empregada gestante**”, in **Síntese Trabalhista**, Ano VII – Março de 1996, nº 81/27-29; ZÉU PALMEIRA SOBRINHO, “**A Estabilidade da Empregada Gestante**”, in **Síntese Trabalhista**, Ano XII – Setembro de 2000, nº 135/35-40, 36; ARI PEDRO LORENZETTI, “**Os Limites da Garantia de Emprego da Gestante**”, in **Revista do TRT/18ª Região**, Ano 4 – Dezembro de 2001, nº 1/39-46).

O **exame** da **presente** causa **evidencia** que o acórdão impugnado em sede recursal extraordinária **diverge** da orientação jurisprudencial que o Supremo Tribunal Federal **firmou** na análise da matéria em referência.

Sendo assim, pelas razões expostas, **conheço** do presente agravo, para, **desde logo, conhecer e dar provimento** ao recurso extraordinário (CPC, art. 544, § 4º), **em ordem a reconhecer a estabilidade** da empregada gestante, desde a confirmação da gravidez até cinco meses após o parto, **independentemente** do conhecimento **dessa** condição fisiológica por parte do empregador.

Publique-se.

Brasília, 27 de fevereiro de 2004.

Ministro CELSO DE MELLO

Relator

Date Created

01/03/2004